

Transparência semântica e mudança linguística: Renegociando a arbitrariedade

Thiago Oliveira da Motta Sampaio¹

Marília Uchoa Cavalcanti Lott de Moraes Costa¹

Daniela Cid de Garcia¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo fazer uma reflexão sobre arbitrariedade do signo na formação das palavras, trazendo intuições sobre um dos processos que caracterizam a mudança linguística. A partir de uma análise trilingue apresentaremos o modelo da Morfologia Distribuída (HARLEY & NOYER, 1999) como um aparato teórico eficiente para abarcar fenômenos relacionados à formação de palavras, uma vez que diferencia as informações idiosincráticas das informações computacionais.

PALAVRAS CHAVE: Arbitrariedade; Flexão; Derivação; Morfologia; Sintaxe

ABSTRACT: The goal of the present paper is to discuss the referential arbitrariness in word formation, bringing forth intuition on linguistic variation. Comparing three languages, we shall present the Distributed Morphology model (HARLEY & NOYER, 1999) as an efficient and comprehensive theoretical tool that encompasses phenomena related to word formation, since it differentiates idiosyncratic information from computational information.

KEYWORDS: Arbitrariness; Inflection; Derivation; Morphology; Syntax

Introdução

Ao longo da história, diversas teorias buscaram entender como acontece a codificação da representação do mundo em linguagem natural. Filósofos sempre tiveram interesse pelo significado, uma vez que ele está necessariamente envolvido em questões filosóficas vitais e historicamente controvertidas como a natureza da verdade e o *status* do que seriam conceitos universais.

O debate com relação à arbitrariedade *nome-coisas* remonta à Antiguidade e à Idade Média, configurando-se em diferentes dicotomias. A primeira delas diz respeito ao naturalismo de Platão em oposição ao convencionalismo de Aristóteles. Para Platão, a origem da linguagem se dá de forma natural, ou seja, há uma relação direta e motivada entre os nomes e seus referentes (PLATON, 1998). Um dos argumentos que o filósofo utiliza para sustentar sua tese é a existência de onomatopeias, palavras cujo sentido tem a ver com o seu

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, CNPq / CAPES, contatos: motta@ufrj.br, marilialott@gmail.com, cid.daniela@gmail.com

som – o que seria um exemplo de que há signos linguísticos naturais. Outro argumento seria a existência de simbolismo sonoro, que defende a possibilidade de certos sons evocarem certos significados, diferenciando-se das onomatopeias por não ter necessariamente relação com o ruído em si. Nessa perspectiva, o filósofo acredita na existência de uma origem comum e onomatopaica para as línguas.

No entanto, esses dois argumentos não esgotam todo o inventário das palavras, uma vez que não é em todas elas que se pode observar uma motivação clara, seja por onomatopeia ou simbolismo sonoro. Outro contra-argumento à ideia naturalista de Platão é o fato de que não há, na maioria das vezes, uma relação biunívoca entre o nome e seu referente. O fato de haver mais de um significado para um mesmo significante – seja por um caso de polissemia ou homonímia – assim como o fato de haver mais de um significante para um mesmo significado – sinonímia – constituem argumentos contrários à ideia de naturalismo linguístico. Essas discrepâncias, no entanto, costumam ser justificadas pela existência de mudanças fonológicas e de sentido que as palavras vão sofrendo com o tempo.

Esse debate tem continuidade com a controvérsia entre os analogistas estoicos e os anomalistas da Escola Alexandrina. Estes se colocam, portanto como uma continuação da concepção aristotélica convencionalista; aqueles, diversamente, relacionam-se com o naturalismo platônico por acreditarem que as línguas são essencialmente regulares e sistemáticas. A terceira dicotomia a cuidar da relação entre os nomes e as coisas se faz na oposição entre realistas e nominalistas. Entre os primeiros figuram nomes como Santo Agostinho e Lyons, que acreditam na existência de uma propriedade essencial nos objetos que faz com que nós os identifiquemos (FIDALGO e GRADIM, 2004). Por outro lado, nominalistas como S. Tomás de Aquino defendem que essa propriedade essencial seria justamente o nome, que é dado aos objetos por convenção. Essa ideia foi recuperada na década de 1930 pelos linguistas Sapir & Whorf, que formularam a hipótese de que a língua seria fundamentalmente o que determina a visão de mundo. Na década de 1910, Ferdinand de Saussure estudará o signo como convencional e arbitrário, não havendo uma ligação necessária entre o que ele chamou de significante e significado, embora existam casos em que se possa perceber uma certa motivação².

² Como bem observado pelos revisores, Saussure levanta dois tipos de signos que terão um certo grau de relação com seu significado: (i) as onomatopeias e (ii) algumas exclamações que, de certa forma, parecem relacionadas às onomatopeias. Porém as próprias onomatopeias, embora motivadas, também parecem possuir algum grau de

1. Arbitrariedade e composicionalidade na mudança linguística

Motivação ou convenção à parte, a discussão que parece ser mais interessante e pertinente – já que não se pode chegar ao momento em que se cunhou a primeira palavra – é perceber como as palavras são criadas hoje, o que pode nos dar pistas sobre como ocorrem as mudanças linguísticas. Mais interessante, portanto, seria considerar o conceito de arbitrariedade como sendo o momento em que o todo deixa de ser uma função de suas partes. Sendo assim, entendemos motivação semântica como transparência de sentido. Por exemplo, quando falamos em *corrente de ouro*, pode não ser óbvia a existência da palavra *correr* dentro da palavra *corrente*. O mesmo acontece com *restaurar* em *restaurante* ou *refrigerar* em *refrigerante*. A análise que propomos neste artigo entende por arbitrariedade justamente esse momento em que as camadas internas de uma palavra se fundem, dando origem a novas raízes na língua.

Para fins de ilustração, propomos uma análise de palavras em três línguas diferentes, a fim de verificar as maneiras como se pode dar esse pareamento arbitrário de sentido. Os quadros 1, 2 e 3 trazem listas trilíngues de signos linguísticos que ativarão seus respectivos significados na mente de um falante.

Português	Inglês	Francês
Borracha	Eraser	Gomme
Menina	Girl	Fille
Camundongo ³	Mouse	Souris
Cama	Bed	Lit

Quadro 1: Palavras com formas diversas nas três línguas (SAMPAIO, 2010: 13)

Português	Inglês	Francês
Globo	Globe	Globe
Gato	Cat	Chat
Disco	Disk	Disque
Papel	Paper	Papier

Quadro 2: Palavras com formas semelhantes nas três línguas (SAMPAIO, 2010: 13)

arbitrariedade, em especial os sons dos animais que diferem nas diferentes línguas.

Português	Inglês	Francês
Livro	Book	Livre
Relógio	Clock	Horloge
Ferro	Iron	Fer
Muro	Wall	Mur

Quadro 3: Palavras semelhantes em português e francês e diferentes no inglês (SAMPAIO, 2010: 13)

Podemos observar, no quadro 1, uma lista de palavras que divergem em sua forma no português, no inglês e no francês. Em algum momento da história houve uma espécie de acordo entre os falantes em que ficou acertado que tal conceito seria nomeado de tal forma. Como vimos na seção anterior, é difícil identificar qual foi esse momento ou em que conhecimentos os falantes dessa época desconhecida se basearam para rotular os objetos do mundo. O quadro ilustra, portanto, a ideia canônica de arbitrariedade, sendo esta o momento em que uma determinada forma foi designada para nomear um objeto do mundo. Cada uma dessas línguas elegeu uma forma diferente, o que evidencia não haver uma fundamentação por regras constantes e universais nesse processo.

Diferentemente do quadro 1, o quadro 2 nos traz palavras que têm uma clara semelhança. Esses casos retratam que uma forma possível de nomear as coisas do mundo é trazer para a sua língua, por empréstimo, palavras de outras línguas.⁴ Isso ocorreu com os povos românicos e com os que a eles foram incorporados em algum momento da história. Nos quadros 2 e 3 observamos palavras que vieram do latim para o português e para o francês. No quadro 3, palavras que o francês emprestou para o inglês durante a invasão normanda às Ilhas Britânicas⁵. Isso não quer dizer que essas palavras tenham entrado na nova língua com a arbitrariedade encontrada na língua em que advém o empréstimo. Elementos identificados na língua de origem podem não ser transparentes para língua em contato. Isso pode ocorrer entre línguas claramente distintas, mas também pode ocorrer entre língua-mãe e língua-filha. Itens de vocabulário formais em latim clássico podem não ser transparentes para falantes das

³ Existe uma raiz que é compartilhada pelas três línguas para este significado: *Rato/Rat/Raton*

⁴ As relações comerciais e de domínio político levam a casos em que para o falante da língua há sintaxe e para o falante que faz o empréstimo há apenas léxico, caso de alguns empréstimos árabes.

⁵ Graças à invasão normanda o francês e o inglês possuem uma parte razoável de raízes compartilhadas e/ou semelhantes que foram ajustadas à realidade sintática e fonológica de cada língua. Isso quer dizer que também existe um razoável número de palavras que são iguais em francês e em inglês, e que são diferentes das do português (i.e. chave [ʃavi] / key [keɪ] / clé [kle]; garrafa / bottle / bouteille ou escova / brush / brosse). Além destas também existem poucas palavras que são semelhantes em português e inglês e diferente no francês (i.e. computador / computer / ordinateur). Estas palavras, porém, são resultantes de um empréstimo do inglês para o

línguas românicas na Idade Média⁶.

2. Como as teorias linguísticas olham para as palavras?

No estudo sobre as palavras como itens que nomeiam coisas do mundo, diversos arcabouços teóricos tentaram entender qual era a menor parte em que seria possível distinguir significado. Ficou assim a definição ampla do que seria um morfema. A partir dos morfemas, tradicionalmente entendidos como a unidade mínima de sentido, podemos gerar diversas novas palavras.

O Estruturalismo, por exemplo, entende a análise morfológica como uma relação no eixo paradigmático, já que observa semelhança de diferentes sequências na língua e postula um grau de similaridade. Para tal, analisa uma lista de palavras e observa quais as propriedades que elas possuem e como elas podem ser desmembradas em morfemas – elemento mínimo para a primeira articulação de Saussure.

Observando inúmeras palavras, percebeu-se que havia propriedades específicas que as distinguia. Foi assim postulada uma dicotomia entre flexão *versus* derivação. Essa dicotomia não se inicia no Estruturalismo: ela já era observada pelo gramático latino Varrão (116 a.C. – 26 a.C.), que “distinguiu entre o processo de *derivatio voluntaria*, que cria novas palavras, e o de *derivatio naturalis*, para indicar modalidades específicas de uma dada palavra” (CÂMARA Jr, 1970: 81). O primeiro estaria relacionado à derivação, que, segundo Câmara Jr, não constitui um quadro regular de morfemas; o segundo estaria relacionado à flexão, em que há uma obrigatoriedade para sistematização coerente.

A partir de uma lista de palavras identificadas em vários paradigmas como derivadas, é possível postular algum tipo de função que dê conta desse processo. Haveria a possibilidade de reconhecer que tipo de elemento seria formador de adjetivos, nomes etc., tendo como ponto de partida, por exemplo, um verbo. No entanto, tais funções nem sempre abarcam todos os vocábulos que apresentam, por exemplo, uma base e um morfema adjetivador *-vel*. Em Gonçalves (2005), o autor apresenta uma lista de palavras com esse sufixo e os problemas que surgem ao serem aplicadas certas funções semânticas.

português enquanto o francês utilizou um termo próprio para a palavra.

⁶ Algo conhecido como empréstimo erudito – o vocábulo *óculos* foi um empréstimo erudito do termo *oculus*, enquanto *olho* advém do mesmo termo latino, mas por fazer parte do “patrimônio hereditário” da língua (TEYSSIER, 2001) sofreu processos fonéticos distintos do termo *óculos*.

Gostável		Praticável
Adorável		Degustável
Beijável		Namorável
Fazível		Fotografável
Elegível		Cheirável

Quadro 4: Adjetivos formados de verbos com o sufixo *-vel* (GONÇALVES, 2005:44)

O autor afirma que os elementos desse quadro seguem a função semântica “*que pode ser X*” enquanto exemplos como durável, agradável e rentável não podem seguir essa função, recaindo sobre uma nova função, “*que X*”. O exemplo apresentado demonstra que a sequência aparentemente simples de sons e letras que nos é percebida como *-vel*, contém propriedades que não podem ser definidas por uma função e aplicadas em todos os contextos. Dessa forma, seguir um sistema de regras de formação de palavras gerando funções que abarquem a conotação semântica de cada morfema será uma tarefa hercúlea e de pouca eficácia. Outra saída utilizada é formar listas de morfemas formadores de uma dada classe de palavra – *-vel* forma adjetivo, *-mente* advérbios, etc.

Ao observarmos o fenômeno de referenciar o mundo por esses pontos de vista, encontramos duas perspectivas. Primeiramente, um interesse estrutural de encontrar o menor elemento perceptível utilizando a erudição do linguista e, de outro, a necessidade de entender as decisões pragmáticas na escolha lexical (e.g. sufixo *-inho* para indicar empatia). Ambas ideias nos remetem seja a uma habilidade escrita ou à visão de língua como uma escolha social deliberada e, sobretudo, à formação de palavras como um processo meramente idiossincrático.

Uma forma de tratar essas questões será o modelo proposto por Bybee (1985), segundo o qual “[...] todas as categorias morfológicas pertencem a um *continuum* que se estende de lexical⁷ a flexional.” (BYBEE, 1985: 85). Já para Chomsky, a linguagem é universal e todos os bebês humanos saudáveis falarão pelo menos uma língua. Esta precisa, portanto, ser estável, variando apenas nas partes marginais (CHOMSKY, 1986). Assim, a Gramática Gerativa Clássica postula uma etapa anterior à computação – léxico ou numeração – evitando tratar desse tipo de questão.

A última versão do modelo de Chomsky ficou conhecida como *Programa Minimalista* (CHOMSKY, 1995). Essa versão constitui um interessante plano de trabalho, por seguir o

⁷ Lexical, nesse contexto, se refere ao conceito de derivação.

princípio da economia e propor que a faculdade da linguagem seja resultado de uma organização ótima de regras computacionais básicas. Assim, as operações sintáticas se justificam pela necessidade de checagem de traços e a Gramática Universal teria apenas os princípios básicos necessários para realizar nossas necessidades conceituais e biológicas. A partir destes princípios, a criança em fase de aquisição estará constantemente em situações de escolhas paramétricas que formarão a gramática de sua língua materna.

Como visto anteriormente, Chomsky evita abordar dois aspectos importantes da língua: a morfologia, ou seja, a formação de palavras, que, para ele, acontecerá no Léxico, antes mesmo de as palavras chegarem à sintaxe; e a semântica, uma vez que, não se aprofundando nos mecanismos existentes no Léxico, a forma como cada palavra adquire seu significado estava fora de seu escopo de estudos. Palavras como *dirigível*, por exemplo, em que podemos observar uma propriedade adjetiva (*que se pode dirigir*), mas em que também podemos encontrar uma entrada nominal (*aeronave que usa um gás mais leve que o ar para mantê-la flutuando*), demonstram o tipo de problema que se encontra ao se tentar teorizar sobre a formação das palavras e sua representação.

Apesar de diversas teorias linguísticas evitarem essa questão, Halle e Marantz (1993) observam que não há motivo para separar a morfologia da sintaxe, pois a computação intralexical não seria diferente daquela que ocorre entre palavras para formar frases. Quaisquer dados linguísticos observados devem poder ser encaixados em um modelo teórico computacional que formalize o funcionamento de todos os módulos da linguagem integrando-os em um único sistema.

Em busca de um modelo que desse conta das múltiplas computações que acontecem durante a derivação linguística, envolvendo até a menor peça morfológica contida nas palavras, escolhemos o da *Morfologia Distribuída* (HALE & KEYSER, 1993; HALLE & MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997, 2005; HARLEY & NOYER, 1999), uma versão mais micromodular do Minimalismo que traz a sintaxe para dentro da palavra. Harley & Noyer (1999) são os primeiros a desenhar o modelo, representado na Figura 1:

Distributed Morphology

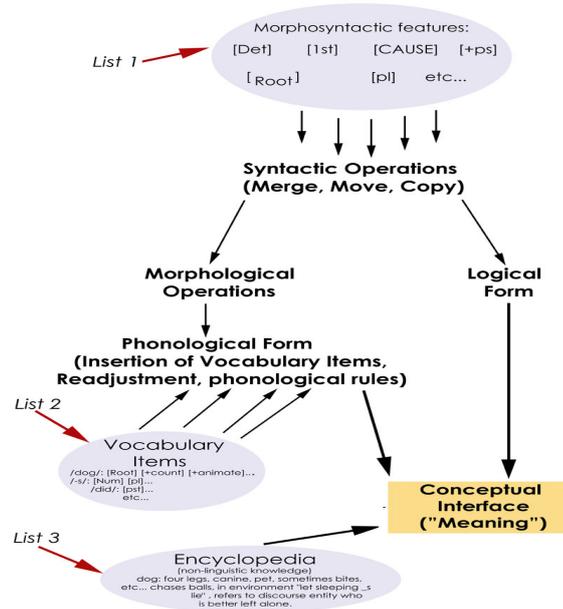


Figura 1: Modelo da Morfologia Distribuída, Harley & Noyer (1999)

O Modelo da Morfologia Distribuída nos apresenta um mecanismo computacional de via única que opera com as mínimas unidades que compõem a língua e que seriam distribuídas entre três listas: A *Lista 1* é uma lista de traços abstratos que são unidades mínimas de sentido, sem conteúdo fonético e que, sozinhas, não são suficientes para estabelecer a comunicação. Nessa lista, encontramos traços abstratos, como raízes, traços de plural/singular/dual, categorizadores -- nominalizadores, verbalizadores, adjetivadores, dentre outros. Esses traços precisam ser juntados para formarem unidades maiores de significado e, depois, formarem palavras. Esse processo aconteceria em um segundo momento da derivação, que coleta as peças da Lista 1 para realizar as operações básicas da Sintaxe: *Merge* (Juntar), *Move* (Mover) e *Copy* (Copiar).

Apesar de a Sintaxe, a Semântica e a Fonologia serem módulos independentes, a faculdade de linguagem é dependente dos três, logo, exige que haja uma relação entre eles em algum momento da derivação. Segundo a Morfologia Distribuída, esse momento será logo após as operações sintáticas, onde acontece uma bifurcação no curso das informações que devem ir para dois módulos de computação diferentes: a *Forma Lógica (FL)* e a *Forma Fonológica (FF)*.

A Forma Lógica atua como uma espécie de leitor de código de barras no supermercado, onde o que será comprado são produtos das operações sintáticas. A Sintaxe envia a conta da sua computação, que será *escaneada* conceptualmente pela FL. Esta é

responsável por conferir a validade ou não da computação realizada. A Forma Fonológica recebe dois tipos de *inputs* para realizar a sua tarefa: ela recebe as operações feitas pela sintaxe, *escaneando* os traços existentes para inserir, a partir da Lista 2, as peças de vocabulário⁸ correspondentes às operações realizadas e também para aplicar as regras fonológicas da língua.

Se estivermos no momento da escolha da referência que a palavra formada recebe no mundo externo, normalmente na primeira categorização da raiz, o resultado dessas duas operações culminará ainda numa referência a uma das entradas da Lista 3, também conhecida como Enciclopédia, que contém as definições de todos os conceitos da representação do mundo formados na mente do falante.

Retornando ao exemplo do *dirigível*, para chegarmos à interpretação adjetiva, teremos a Sintaxe puxando da Lista 1 a raiz *vdirig-* e um morfema verbalizador que serão juntados pela operação *merge*. Essa operação geraria um produto a ser enviado para a FF, que puxará da Lista 2 a forma fonológica da raiz e do verbalizador, resultando na realização fonológica da palavra *dirigir*. Enquanto isso o material juntado é enviado para ser validado em FL. Após a FL, essa computação receberá uma referência no mundo através da Lista 3 (Enciclopédia). A partir da segunda categorização da raiz, o ciclo computacional de formação da palavra não passará mais pela Enciclopédia visto que a arbitrariedade já foi atingida na primeira categorização. Nesse caso temos um morfema adjetivizador abstrato que se realizará em FF como *-vel*, operando em FL uma adjetivização em cima do verbo *dirigir*, resultando na palavra *dirig(i)⁹-vel*.

No caso do *dirigível* voador, poderíamos interpretá-lo como uma terceira categorização da raiz se relacionarmos o nome ao verbo. Para isso, a Sintaxe puxa da Lista 1 um morfema nominalization, de realização fonológica \emptyset , que se concatena ao adjetivo formando o nome *dirigível*. Por outro lado, é possível que um falante tenha aprendido o nome sem necessariamente ter imaginado que sua origem é o verbo *dirigir*. Nesse caso não há transparência semântica entre nome e raiz verbal e a palavra terá apenas uma camada morfológica formada por uma raiz concatenada a um morfema nominalizador. A raiz será realizada fonologicamente como *dirig(i)-* enquanto a peça *-vel*, realização fonológica de

⁸ Nesse modelo, *morfema* é entendido como sendo os traços abstratos da Lista 1 que serão operados pela Sintaxe. O material formado por estas operações será subespecificado e precisa de uma forma foneticamente realizável, aqui chamada de *Peça de Vocabulário*, que será fornecida tardiamente através da Lista 2, como veremos mais a frente.

⁹ No momento da inserção das Peças de Vocabulário da Lista 2 na Sintaxe, a Língua do falante irá impor algumas regras de reajuste fonológico à Forma Fonológica. A peça *-vel* pode se juntar à verbos de 1ª conjugação (*amar/amável*), de 2ª ou de 3ª conjugação (*comer/comível; dirigir/dirigível*). Nesses casos haverá ajustes da

adjetivos, será idiossincriticamente realizada como nome, assim como em *restaur-ante*, *refriger-ante* e *corr-ente*, em que a realização fonológica do morfema *Particípio Presente* será relacionado ao morfema nominalizador.

Como podemos observar, o modelo da Morfologia Distribuída nos permite diferenciar com clareza a relação entre as informações de conhecimento de mundo e o que é construído através dos mecanismos de formação de palavras, ou seja, a relação entre o que é memorizado e as computações feitas através de morfemas. Para isso, o modelo propõe a existência de um único mecanismo gerativo capaz de combinar unidades estruturais: a Sintaxe. A morfologia é, assim, inserida no âmbito das computações sintáticas.

Propor a união entre morfologia e sintaxe significa questionar a distinção entre os mecanismos de derivação e de flexão que, em outros arcabouços teóricos – incluindo a gramática gerativa clássica – são claramente diferenciados, especialmente no que diz respeito à natureza paradigmática da flexão e pela sua menor produtividade em relação às derivações. Marantz (2001) argumenta que essas diferenças são ilusórias e resultam da forma como a questão vinha sendo trabalhada até então. Se seguirmos o modelo da Morfologia Distribuída, perceberemos que raízes não possuem categoria sintática, e as computações que acontecem até a definição de sua categoria são interpretadas como derivações, enquanto as computações feitas após esse momento são interpretadas como flexões.

Quanto à natureza paradigmática, Marantz argumenta que as flexões são relativas a propriedades específicas de concordância, de caso, de tempo e de número. Caso e concordância possuem propriedades de natureza sintática. Tempo e número terão propriedades mais particulares, mas que também influenciam as computações sintáticas das construções de número e dos sintagmas de tempo.

A maior produtividade das flexões também é problematizada pelo autor, ao desvincular as noções de *Peças de Vocabulário* e de *Morfemas*. Como observado anteriormente, para que uma raiz passe a figurar em uma categoria sintática, é preciso concatená-la a traços da Lista 1, como nominalizadores e adjetivadores. Estes traços ainda não possuem uma realização fonológica e recebem o nome de *morfemas*. Após a concatenação, os morfemas receberão da Lista 2 uma forma fonológica, dependendo do contexto sintático em que se encontram. A realização fonológica do morfema recebe o nome de *Peças de Vocabulário*.

Essa dissociação permite diferentes realizações fonológicas de um mesmo morfema.

Como exemplo de derivação, o morfema adjetivizador poderá ser realizado como *-vel*, *-oso* etc, dependendo do contexto sintático. Como exemplo de flexão, veremos que o mesmo acontece com a realização de verbos irregulares, como as formas *vou* e *fui* do verbo *ir*, que acessam a mesma raiz, mas possuem formas fonológicas distintas dependendo dos traços de tempo e concordância que forem juntados pela sintaxe.

Observamos assim que os exemplos demonstrados anteriormente podem variar idiossincraticamente dependendo dos traços abstratos selecionados na Lista 1. Além disso, quando nos deparamos com palavras de outras línguas, muitas vezes não formamos compostos a partir de uma base, como *wire* concatenado ao adjetivador *-less* em *wireless*, em que se sabe que há uma propriedade semântica que nos remete a algo sem fio, sem passar por propriedades paradigmáticas. Assim como aqueles que nasceram depois do sucesso de bebidas como a Coca-Cola podem não reconhecer um adjetivador na palavra refrigerante – a raiz será simplesmente maior e com um nominalizador \emptyset .

A MD é uma teoria linguística que abarca a arbitrariedade referencial em diferentes momentos, levando-nos a interessantes observações para estudos diacrônicos e sincrônicos. Essa teoria ainda pretende unificar uma abordagem em que a sintaxe permeia os diversos momentos da computação.

Conclusão

Podemos concluir que a Morfologia também possui características computacionais, assim como a Sintaxe, que permitem tratar de maneira semelhante tanto as regularidades semânticas da flexão e da derivação, quanto a formação de novas palavras, identificando o momento sintático em que acontece a arbitrariedade referencial. O modelo da Morfologia Distribuída apresenta uma abordagem inusitada, rompendo com certos conceitos estabelecidos em outros *frameworks*, ao unir, em um mesmo sistema gerativo, as noções de sintaxe, morfologia, flexão e derivação. Esse modelo ainda apresenta um novo conceito de morfema que o separa de sua realização fonológica. O morfema então será visto como uma peça categorizadora que poderá se realizar de diferentes formas, de acordo com o contexto sintático em que ele ocorre, aumentando o poder de produção dos processos derivacionais.

Referências Bibliográficas

BORER, Hagit. *In Name Only. Structuring Sense*, Volume I. Oxford: Oxford University Press, 2005.

BYBEE, J. L. *Morphology: A study of the relation between meaning and form*. Philadelphia: Benjamins. 1985

CHOMSKY, Noam. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. (Eds.) *Readings in English transformational grammar*, Waltham, Massachusetts: Blaisdell, 1970.

_____. The Theory of Principles and Parameters. In: JACOBS, J. et al. Eds. *Syntax: an international handbook of contemporary research*, Walter de Gruyter, v. 1, 1993.

_____. *The Minimalist Program*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press. 1995.

FERREIRA, Aurélio B.H. *Dicionário Aurélio*, CD-Rom produzido pela Editora Positivo, 2009

FIDALGO, A. GRADIM, A., *Manual de Semiótica*, Ubi - Portugal. 2004

Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-manual-semiotica-2005.pdf>>

Acesso em: 25/09/2011

FREGE, G. Über Sinn und Bedeutung. *Zeitschrift für Philosophie und philosophische Kritik*, v. 100, p. 25-50. Translated as *On Sense and Reference*, by M. Black in *Translations from the Philosophical Writings of Gottlob Frege*, P. Geach and M. Black (eds. and trans.), Oxford: Blackwell, third edition, 1980.

GARCIA, D.C. *Elementos estruturais no acesso lexical: o reconhecimento de palavras multimorfêmicas no português brasileiro*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009

GONÇALVES, C.A. *Flexão e derivação em português*.

Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, 2005.

HALLE, Morris, MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the pieces of inflection, In: HALE, K. and KEYSER, J. eds. *The View from Building 20*. pp. 111-176. MIT Press: Cambridge, MA. 1993.

HARLEY, Heidi; NOYER, Rolf. Licensing in the non-lexicalist lexicon: nominalizations, vocabulary items, and the Encyclopedia. In: HARLEY, H. (Ed.) *Papers from the Upenn/MIT roundtable on argument structure and aspect*. Cambridge, Massachusetts: MIT Working Papers in Linguistics, MIT Working Papers in Linguistics, 32, p. 119-137, 1998.

_____. "State-of-the-Article: Distributed Morphology", *GLOT International* 4 (4): 3-9 Distributed Morphology, 1999.

MARANTZ, Alec. No scape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRIADIS, A; SIEGEL, L; SUREK-CLARK, C; WILLIAM, A (eds) *Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistic Colloquium*. Philadelphia: Penn

Linguistics Club, 1997.

_____. *Morphology as syntax. Paradigms and the ineffable, the incomprehensible and the unconstructable*. Cambridge: Department of Linguistics and Philosophy, MIT, ms, 1999.

_____. *Words. Handout of a talk at the XX West Coast Conference on Formal Linguistics*, University of Southern California, 2001.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. *Linguística Histórica*. In: Claudia Pfeiffer; José Horta Nunes. (Org.). *Introdução às Ciências da Linguagem: Língua, Sociedade e Conhecimento*. 1 ed. Campinas: Pontes, v. 3, p. 11-48, 2006.

PLATON, *Cratyle*, trad par DALIMIER, Catherine. Flammarion, Paris, 1998

SAMPAIO, T.O.M, *Coerção Aspectual: Um Subproduto da Computação por Fases*, 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010

SAMPAIO, T.O.M, FRANÇA, A.I. *Eventos: História, Teoria e Experimentação*, *Revista Virtual dos Estudos da Linguagem* <www.revel.inf.br>. Março de 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. 29ª ed. São Paulo. Cultrix: 2008

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. trad. Celso Cunha. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da Linguística*. São Paulo: Parábola, 2010.

Enviado para publicação em maio de 2011.

Aceito para publicação em novembro de 2011.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.